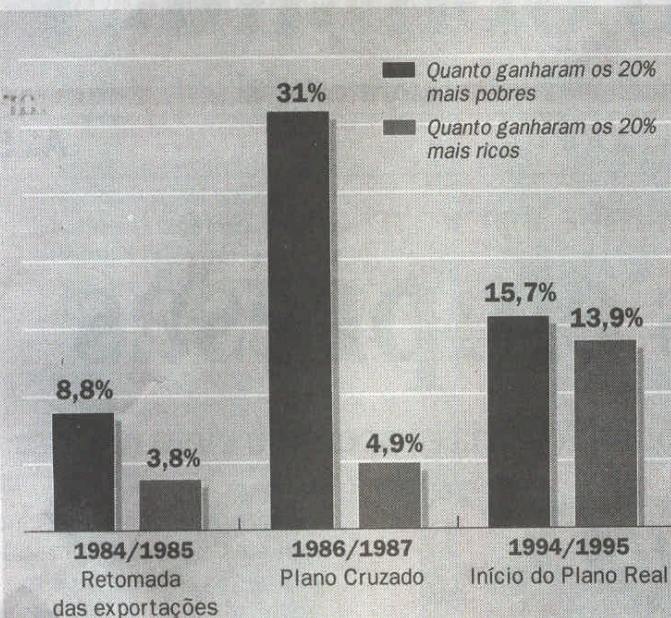


## Os ciclos de recuperação da renda



## DESTAQUES

**16%**

é o aumento do volume de crédito de junho de 2003 a junho de 2004

**11,9%**

foi o aumento da produção de alimentos em junho, na comparação com maio

**4% a 4,5%**

é a expectativa de aumento na produção de alimentos no ano

**7% a 10%**

é a expectativa de aumento na produção de eletroeletrônicos no ano

**Sandra de Mello:** confiança na recuperação da economia encoraja a comprar mais



Fonte: FGV (Centro de Políticas Sociais)

## Consumo popular reage primeiro

## Movimento indica a recuperação do mercado interno

LARISSA MORAIS

Na história recente do país, não será a primeira vez que os mais pobres puxam a recuperação do consumo. Estudo do economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, mostra que em três episódios de retomada do crescimento nas duas últimas décadas a renda dos 20% mais pobres aumentou muito mais do que a dos 20% mais ricos, reduzindo – ao menos num primeiro momento – a enorme distância entre as classes sociais.

No primeiro ano após o ciclo que se iniciou com a retomada das exportações, em 1985, os mais pobres viram seus rendimentos crescerem 8,8% enquanto para os mais ricos o percentual foi de apenas

3,8% – conta.

No primeiro ano após o Plano Cruzado, que congelou preços em 1986, a diferença foi ainda maior: a renda dos mais pobres cresceu 31% e a dos mais ricos, 4,9%. Com o Plano Real, o ganho também favoreceu mais a baixa renda, embora em menor magnitude. Os 20% mais pobres ganharam 15,7%; os 20% mais ricos, 13,9%. O fim da inflação teve especial importância no processo.

Curiosamente, lembra o economista, quanto maior o ganho dos mais pobres, menos ele se sustentou.

– O boom do Cruzado foi pujante, com forte efeito distributivo, mas insustentável. No pós-Real, a pujança foi menor, porém mais duradoura.

Neri acredita que hoje o país está num processo semelhante ao vivido em 1985. Como naquela época, o câmbio favorável às exportações estimulou primeiro o crescimento

da indústria exportadora, que ajudou a melhorar os níveis de emprego e renda. A recuperação do mercado interno veio depois. Agora, como mostram as estatísticas do IBGE e do Ministério do Trabalho, a recuperação do emprego tem se caracterizado pela abertura de vagas de baixo salário.

Neri acredita que para reduzir a distância entre os mais ricos e os mais pobres, o mais importante será a adoção de políticas sociais.

Outros fatores estão ajudando na recuperação. A maior confiança na economia é um deles, pois quanto mais se acredita na melhora, mais a população consome, impulsionando a produção, que por sua vez estimula o emprego, a renda e consumo.

Pesquisa da FGV divulgada semana passada, mostrou que 39,4% dos brasileiros acreditam que a economia vai melhorar nos próximos seis meses,

contra 34,5% na última consulta. Entre quem tem rendimento de até 3 salários mínimos, a confiança é maior: 50%.

A dona de casa Sandra de Mello, de 44 anos, está entre os confiantes, embora sua renda de R\$ 900 não tenha aumentado nos últimos meses. Ela acabou de comprar um celular e vai pagar em dez vezes.

– Com a economia mais estável, me sinto segura para parcelar e gastar – diz.

O economista-chefe da Federação Brasileira de Bancos, Roberto Troster, destaca a retomada do crédito. Em um ano, o volume de empréstimos aumentou 16%. No crédito pessoal, a alta foi de 35%.

Apostando no potencial de consumo do segmento, Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal e Bradesco acabam de lançar produtos populares como cartão de crédito, títulos de capitalização e contas simplificadas.

Com Júlia Ribeiro

**Ganhos maiores de renda não duraram muito, diz Neri**